



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à revista chinesa Caijing Magazine
Centro Cultural Banco do Brasil-Brasília,DF, 06 de maio de 2009**

Jornalista: O Senhor tem na sua agenda essa visita à China, agora, com um grande grupo de empresários e de autoridades. Qual é o objetivo principal dessa visita?

Presidente: O objetivo principal da visita é estreitar ainda mais as boas relações existentes entre Brasil e China. Será a minha segunda viagem à China. Eu espero que o presidente Hu Jintao venha ao Brasil ainda este ano. Nós temos muitos grupos de trabalho, trabalhando o ano inteiro com grupos de trabalho chineses. Eu tenho incentivado empresários brasileiros a visitarem a China e temos recebido aqui muitos investidores chineses. Isso faz parte de uma estratégia política, na construção de uma parceria estratégica China-Brasil. Somos duas grandes economias emergentes. Estamos entre os países com maior estabilidade econômica, estamos entre os países que têm uma grande balança comercial, e também a geopolítica, sobretudo, na interferência na balança comercial do mundo, na renovação do Conselho de Segurança da ONU, e na proximidade entre nossos povos. Isso já é muita coisa.

Eu me lembro da primeira discussão que eu tive sobre a China, em 2003. Nós estávamos discutindo a construção de um gasoduto, e a discussão estava entre Japão e China. Já tínhamos um pré-acordo com o JBIC japonês. Nós resolvemos mudar esse acordo e resolvemos optar pelos chineses na construção de um grande gasoduto, levando gás do Rio de Janeiro para o Nordeste brasileiro. Esse gasoduto está em construção agora.

Depois, a segunda boa discussão que eu tive com a China foi quando eu reconheci a China como economia de mercado, para que a gente pudesse



normalizar, inclusive, a participação da China na Organização Mundial do Comércio. De lá para cá as coisas têm andado razoavelmente bem, e podem melhorar ainda mais.

Jornalista: O senhor acha que essa viagem tem um significado especial, principalmente nesses tempos de crise e de recessão mundial?

Presidente: Tem. Primeiro, porque nós precisamos sempre passar a ideia de otimismo para o mundo. Em momentos como esse, nós não temos o direito de ficar reclamando, mas sim de pensar grande [sobre] que mudanças a economia precisa ter, e passar otimismo para a sociedade. O exemplo maior é a participação de China e Brasil no G-20, e mesmo a participação de China e Brasil na OMC. Nós temos tido muito mais concordância do que discordância. As nossas posições são muito comuns, e quando se juntam Brasil, China, Índia, Rússia e outros países como México, Argentina, nós temos um peso razoável nas decisões políticas. O que aconteceu em Londres, com o G-20, foi um passo muito importante, porque muita gente não acreditava que nós pudessemos sair daquela reunião com algumas decisões, e nós saímos com decisões importantes.

A primeira coisa em uma crise é a gente recuperar a credibilidade, sobretudo do Estado, e o papel que o Estado joga na normalização da economia. É a primeira vez que eu participo de reuniões em que os países ricos, que antes sabiam de tudo, hoje não sabem nada, e nós podemos discutir de forma mais igualitária decisões importantes das quais antes China e Brasil estavam fora.

Jornalista: Seja mais específico: durante essa viagem quais são os acordos mais importantes que pretendem assinar?



Presidente: Nós temos alguns acordos importantes que nós pretendemos assinar com os chineses. Primeiro, na área de lançamento de satélites e compartilhamento de imagens. Hoje nós já temos um acordo com os chineses, já lançamos dois satélites. Os satélites são construídos aqui no Brasil. Já lançamos o CBERS-2 e estamos prestes a lançar o CBERS-3. Possivelmente um contrato de financiamento entre instituições financeiras brasileiras e o Banco de Desenvolvimento da China. Estamos trabalhando um acordo, que é um tratado de cooperação jurídica em matéria comercial e civil. Acordo na área de portos e hidrovias. Possivelmente assinemos um protocolo para combater os crimes transnacionais, e possivelmente um acordo entre o Banco de Desenvolvimento da China e a nossa Petrobras.

Outra coisa que nós queremos mostrar é o atual estágio de desenvolvimento do Brasil, o atual estágio dos investimentos públicos no Brasil, as principais obras de infraestrutura que estamos fazendo, e tentar estabelecer um acordo entre a China e o Brasil, em participação nessas obras de infraestrutura, na área de aeroportos, de portos, de ferrovias, de hidrovias, de petróleo, de gás. Ou seja, temos muito o que conversar, muito.

Jornalista: Pode falar um pouco mais sobre o acordo financeiro com o Banco de Desenvolvimento da China?

Presidente: Já há algum tempo a Petrobras estabeleceu, com a China, conversação para que o Banco chinês fizesse um financiamento à Petrobras por conta do petróleo, com pagamento em petróleo. Eu já falei com o vice-presidente da China, falei com o Hu Jintao no G-20, e eu espero que estejam prontos para assinar o acordo.

Jornalista: Eles vão assinar.



_____ : Ele acha que vão assinar. Você está dizendo que vão assinar?

Jornalista: Sim, eles vão assinar em breve.

_____ : Parece que vão assinar logo...

Presidente: Eu espero. Meus amigos chineses são duros na queda, ou seja, negociar com os chineses é muito difícil, porque os chineses são muito duros. Mas isso faz parte da negociação. Talvez eles falem o mesmo de nós.

Jornalista: Vocês são ótimos em negociação. O senhor poderia dar um breve perfil da comitiva que vai acompanhá-lo?

Presidente: Nós vamos levar por volta de 180 empresários. Vai o meu Ministério de Minas e Energia, vai o Ministério da Indústria e Comércio, vai o Ministério da Agricultura, vai o Ministro da Saúde, vai a Agência Espacial Brasileira e, possivelmente, alguns governadores, que eu ainda não decidi. Certamente, as pessoas que vão já conhecem a China, já negociaram com a China outros assuntos. Portanto, a cada dia que passa, nós nos conhecemos mais e as coisas vão acontecendo com mais facilidade. Em negociação, também, além dos interesses eminentemente econômicos, tem os interesses políticos e tem a relação de confiança estabelecida entre as pessoas que estão na mesa de negociação. Eu acho que nesse momento de crise econômica, em que China e Brasil se apresentam como os dois países em melhores condições de sair da crise, eu penso que nós temos condições de dar exemplo ao mundo de parceria entre dois países grandes.

Jornalista: Tem alguma outra coisa que quer mencionar em termos, por exemplo, de estratégias para incrementar a cooperação econômica bilateral



entre Brasil e China? E que novas áreas vão desenvolver?

Presidente: Eu acho que uma coisa importante para discutir com os amigos chineses, e que eu tenho muito interesse, é a questão dos combustíveis renováveis, sobretudo na área do etanol e na área do biodiesel. O Brasil tem tecnologia já comprovada há muitos anos, o Brasil tem uma matriz energética muito diversificada, e nós gostaríamos de partilhar esses conhecimentos com os chineses. O Brasil é o único país do mundo [em] que praticamente 90% dos carros vendidos são *flex-fuel*. São carros que podem andar com gasolina, podem andar 100% com álcool, podem misturar 50%-50%, ou seja, podem fazer qualquer mistura.

Agora estamos trabalhando na área do biodiesel para substituir o óleo diesel ou, pelo menos, para misturá-lo com o óleo diesel e diminuir a emissão de gases de efeito estufa. Esse é um assunto muito importante. Quando eu falo na construção [produção] de biocombustível, eu sei da necessidade da China de produzir alimentos, e nós não queremos que ninguém substitua a área de produção de alimentos pela área de produção de biocombustíveis. Mas o que nós queremos é que um país como a China possa fazer parcerias com o Brasil, com a África, para que a gente possa produzir biocombustível nesses países, gerar empregos na África, gerar renda e, ao mesmo tempo, suprir as necessidades de uma nova matriz energética que todos nós vamos ter que utilizar.

Jornalista: Tem planos para aumentar os investimentos com a China, em gás natural e petróleo?

Presidente: Tem. O Brasil acaba de descobrir grandes reservas de petróleo, o pré-sal, e nós, obviamente, queremos construir parcerias para a exploração do pré-sal. Consequentemente, nós temos como garantia o próprio petróleo.



Esperamos que nesses poços do pré-sal tenha muito gás para que a gente também possa renovar a nossa matriz energética. Na verdade, há um campo de oportunidades extraordinário, não apenas na questão de gás, mas investimentos em coisas importantes de infraestrutura. Por exemplo, agora em setembro, nós vamos anunciar a licitação do trem-bala, que é um investimento muito grande, ligando São Paulo ao Rio de Janeiro, e nós vamos procurar parceiros em todo o mundo para que a gente possa fazer um investimento dessa magnitude.

A verdade é que entre Brasil e China não pode haver tabus. Nós precisamos estar muito abertos para discutir a possibilidade das complementaridades. Em que o Brasil pode ajudar a China e em que a China pode ajudar o Brasil para que a vida do povo chinês melhore, a do brasileiro melhore, para que as nossas economias cresçam e para que tenhamos uma maior inserção na comunidade internacional. É com esse objetivo que estou indo à China.

Jornalista: O que o senhor vê como oportunidades de investimento do Brasil na China?

Presidente: Nós já temos muitos investimentos na China. O Brasil, certamente, tem *joint ventures* na China do que a China no Brasil. Nós temos, inclusive, empresas importantes como a Embraer produzindo coisas na China. A nossa ideia é que os aviões a serem utilizados pelo mercado interno chinês sejam produzidos pela Embraer, na China. Só para ter ideia, até o final de 2007 o Brasil já tinha 431 *joint ventures* com a China, e a China tinha 94 *joint ventures* no Brasil. Significa que nós estamos mais arrojados para investimentos na China do que a China no Brasil. Nós achamos que precisamos estabelecer esse compartilhamento de igualdade para que os dois países cresçam concomitantemente.



Jornalista: Como o senhor vê, mais amplamente, a cooperação entre Brasil e China na energia limpa e no contexto da mudança climática?

Presidente: Essa é a motivação que eu tenho para discutir com o governo chinês a questão dos biocombustíveis, porque a China está entre os grandes emissores de gases de efeito estufa. Ao mesmo tempo, nós temos que levar em conta que a China começou essa emissão de gases de efeito estufa muito depois dos países desenvolvidos, portanto, a China tem menos culpa. O importante é que a partir de agora todos nós, governantes, não podemos mais negar que estamos causando problemas no Planeta, e que nós temos que cuidar dele, porque ele é nossa casa, é onde nós criamos os nossos filhos. Então, nós temos... Quer queira, quer não, alguma geração depois da minha deve discutir, inclusive, o padrão de consumo da Humanidade, deve discutir as formas de produção, a utilização de matérias-primas. Nós não podemos apenas continuar tirando as coisas do Planeta e não repor.

Por isso que a matriz energética limpa é uma obrigação de todos nós. Quem não tem terra para produzir, mas precisa de energia, pode financiar outros países que podem produzir, para suprir as necessidades do mercado. O que nós não podemos é continuar queimando óleo diesel, gasolina, carvão e lenha sem ter noção do prejuízo que estamos causando ao Planeta. Não estamos defendendo que se produza etanol do milho, porque o milho é alimento, é ração humana e ração animal. Mas nós precisamos, verdadeiramente pensar em outras formas, e o Brasil tem a tecnologia e tem a experiência comprovada.

Jornalista: O senhor estava falando do uso de vantagens comparativas entre os países que têm mais terra, que têm tecnologia para produzir outra forma... uma energia única que é importante, então, trocar entre os países, partilhar.



Então, a pergunta... sobre o comércio, então. O Brasil e a China estão comprometidos a combater o protecionismo, principalmente na Cúpula do G-20 isso surgiu e já fizeram uma contribuição significativa para promover a conclusão da Rodada de Doha da OMC. Como o senhor avalia esses esforços e os avanços até agora?

Presidente: Eu penso que a Rodada de Doha só não aconteceu por conta de uma divergência final entre Estados Unidos e Índia, muito por conta da eleição americana e também por conta da eleição na Índia. Eu penso que, terminado o período eleitoral, eu já ouvi da boca do presidente Obama o interesse em retomar as conversações sobre Doha.

Segundo, nós temos que lutar contra o protecionismo, porque o protecionismo só agravará a crise econômica. O que nós precisamos ver é que uma boa relação comercial é como se fosse uma via de duas mãos. É preciso sempre que haja um equilíbrio entre os países. Por exemplo, durante algum tempo o Brasil teve superávit comercial com a China. Nesses dois anos, a China teve superávit comercial com o Brasil. Agora, outra vez, o Brasil está um pouco na frente. Então, o cuidado que nós precisamos ter é esse equilíbrio. A China não pode ter um déficit muito grande com o Brasil, e o Brasil não pode ter um déficit muito grande com a China. Daí porque essas parcerias estratégicas são importantes, para que a gente possa ter um equilíbrio e os dois países continuem produzindo e vendendo. Eu acho que é isso o que estamos construindo entre China e Brasil.

Jornalista: Então, para combater o protecionismo, o que mais pode ser feito?

Presidente: O protecionismo tem, em alguns momentos, uma decisão soberana de cada país, que não tem como a gente controlar. Por isso que é importante a Organização Mundial do Comércio ser fortalecida, porque é por ali



que passa o equilíbrio, tanto para que não haja prática de protecionismo, mas para que não haja também a prática do *dumping*. É isso que vai tornar o comércio mais justo e mais equilibrado.

Uma coisa importante, e é um assunto que eu quero discutir com o presidente Hu Jintao, é que nós precisamos estabelecer entre Brasil e China uma relação comercial nas nossas moedas. Nós precisamos do dólar. Por que dois países importantes como China e Brasil precisam ter como referência o dólar e não as nossas próprias moedas? Nós já começamos a fazer com a Argentina as trocas comerciais nas moedas de cada país. Eu acho que é um tema muito importante para ser discutido. Se não for assim, nós vivemos o absurdo de ver o país que é o causador da crise ser o país que mais recebe dólares. Essa loucura do dólar ser a referência e você dar a um único país o poder de produzir essa moeda... Na verdade, o dólar substituiu o ouro, e eu acho que nós precisamos valorizar a moeda chinesa e a moeda brasileira. Eu penso que os nossos presidentes de bancos centrais e os nossos ministros da Economia precisam colocar a sua inteligência a serviço de outras práticas.

Jornalista: De que outras maneiras o senhor acha que o Brasil e a China podem contribuir para a recuperação da economia global?

Presidente: Eu acho que nós já estamos fazendo as coisas que deveríamos fazer. Nós estamos investindo muito no mercado interno, estamos tentando fortalecer o nosso mercado interno com muitos investimentos. Tanto a China como o Brasil, nós fizemos essa opção. A verdade é que nós temos que ter consciência de que Europa, Estados Unidos e Japão, que são os grandes consumidores do mundo, precisam recuperar as suas economias para que a gente volte à normalidade. Com a volta à normalidade, o sistema financeiro tem que ter um outro papel, tem que estar ligado ao setor produtivo e não à especulação como estava antes da crise, até porque foi isso que causou a



crise.

Então, China e Brasil têm muita responsabilidade. Por isso vamos ter uma reunião dos Brics na Rússia, no mês de junho, no dia 16 de junho. O presidente Obama disse uma coisa importante no G-20: há 50 anos ou um pouco mais, era muito fácil tomar decisões. Ele dizia: “Roosevelt e Churchill reuniam-se e tomavam decisões”. Agora tem mais gente querendo participar da festa. Então, agora é muito difícil tomar decisões sem ouvir os Brics. Aí é que entra o papel importante de China, Índia, Rússia, Brasil e outros países importantes.

Jornalista: Está havendo um esforço para que Brasil, China e outros emergentes tenham voz maior nas instituições internacionais: FMI, Banco Mundial, Nações Unidas. Qual a probabilidade, na previsão do senhor, disso ser implementado?

Presidente: Será inevitável. É apenas uma questão de tempo. Hoje, é muito difícil o G-8 ter a mesma importância que tinha dez anos atrás. É muito difícil. É muito difícil constituir um fórum para discutir política ou economia sem levar em conta a existência dos países emergentes, dentre eles os Brics, até porque as nossas economias estão mais sólidas do que as deles. Agora, vai depender muito da nossa disposição de atuar, porque em política ninguém cede espaço para ninguém. Nós temos que conquistá-lo, e esse é o nosso desafio. Com muita humildade, mas com muita força, exigir o lugar de destaque a que nós temos direito nas decisões mundiais.

Jornalista: E tem planos para alcançar isso?

Presidente: Nós temos... O G-5 tem se reunido antes do G-8. Isso causou duas coisas: primeiro, que o G-5 fosse convidado para participar do G-8;



segundo, que algumas coisas que nós pensamos, o G-8 já começa a levar em consideração. Antes, o G-5 era convidado para tomar um café. Hoje, estamos convidados para almoçar e jantar, ou seja, melhorou.

Jornalista: A pergunta final. O senhor mencionou a primeira Cúpula dos BRICs, que vai ser em junho. Qual é a pauta para a reunião dos Brics? O que vão discutir lá?

Presidente: Primeiro, a nossa pauta ainda está sendo discutida pelos nossos ministros. Mas, certamente, a crise econômica será o assunto principal. Segundo, eu penso que a questão climática terá que ter um peso importante. Aí, cada país poderá levantar o tema que achar interessante.

A coisa mais importante que está acontecendo, e por isso eu dou muita importância a essas reuniões, é que se você pegar a política mundial de dez, 15 anos atrás, tudo só acontecia para a Europa e para os Estados Unidos. Agora não. Agora, todas as vezes que tem uma reunião no mundo, as pessoas querem saber como está a China, como está o Brasil, como está a Índia, como está a Rússia, como está o México, como está a África do Sul, como está a Argentina. As pessoas começam a perceber que nós não somos mais coadjuvantes. Nós somos, eu diria, atores principais dessa possibilidade de uma nova política econômica mundial. É exatamente nesse momento que China, Brasil, Rússia e Índia precisam ter muita humildade, muita serenidade, mas ao mesmo tempo, muita ousadia.

Jornalista: Muito obrigado.

(\$31DHJMP)